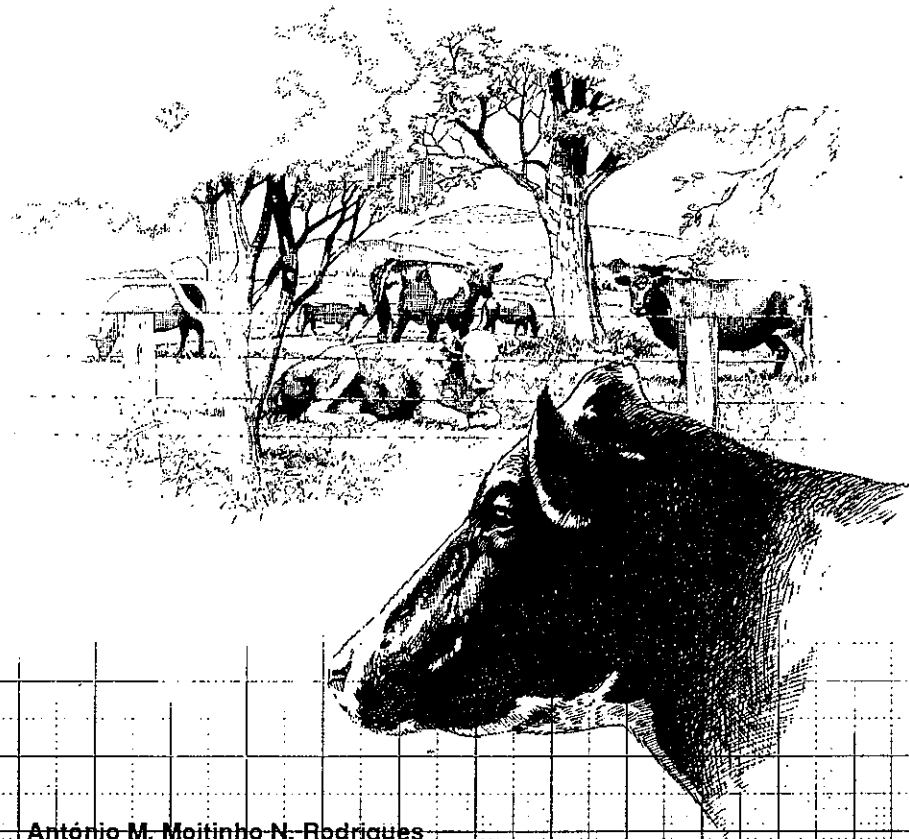




ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

A DESCORNA DOS BOVINOS



António M. Moitinho-N. Rodrigues

A DESCORNA NOS BOVINOS

ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA
INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO

A DESCORNA NOS BOVINOS

António M. Moitinho N. Rodrigues
Prof. Adjunto da Escola Superior Agrária
de Castelo Branco

CASTELO BRANCO
1991

TÍTULO:
A Descorna nos Bovinos

AUTOR:
António M. Moltinho N. Rodrigues

ARRANJO GRÁFICO:
Rui Tomás Monteiro

EDIÇÃO:
Registo nº 56632/92
Tiragem - 500 exemplares
Instituto Politécnico - Escola Superior Agrária de C. Branco
Rua de S. João de Deus, 25 - 3º

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS
Centro de Recursos da Escola Superior Agrária
Quinta da Srª de Mércules
6000 CASTELO BRANCO

ÍNDICE

| | Pág. |
|---|------|
| 1. Introdução | 1 |
| 2. Descorna | 5 |
| 2.1. Descorna de animais jovens | 5 |
| 2.1.1. Utilização de produtos cáusticos | 6 |
| 2.1.2. Utilização do termocautério | 8 |
| 2.2. Descorna de animais adultos | 12 |
| 2.2.1. Cabo descornador | 14 |
| 2.2.2. Serra eléctrica | 15 |
| 2.2.3. Descornadora | 16 |
| 3. Conclusão | 19 |
| 4. Bibliografia | 21 |

1. Introdução

O agricultor e o técnico de produção animal, têm uma actividade profissional que envolve com frequência, a realização de um conjunto de acções que os mantêm em contacto físico estreito e por vezes prolongado, com animais de interesse zootécnico.

Citam-se como exemplo algumas operações de manejo como o aparamento de cascos, a ordenha mecânica ou manual, pesagens, injeções, descornas, identificação animal, aplicação de desparasitantes internos ou externos, inseminação artificial e castração.

Concretamente no que diz respeito à criação de bovinos, podemos considerar que, salvo raras excepções, estes não são animais agressivos para o homem, embora sejam imponentes pela sua

corpulência, peso e força muscular. No entanto estes animais podem mostrar, por vezes, reacções de defesa tentando agredir o homem, quando por qualquer motivo são contrariados.

Nas regiões norte e centro norte do nosso País, a direcção e forma da cornamenta continuam a ser um factor de valorização das raças autóctones. Como exemplo citamos o que se passa com as raças Barrosã, Maronesa, Mirandesa e Arouquesa onde, a existência de uma armação bem orientada valoriza a vaca de trabalho, já que a torna mais elegante.

Em vacadas de carne criadas em regime extensivo como acontece nas regiões centro sul e sul do nosso País, a existência de animais com cornos, embora apresente algumas desvantagens principalmente no relacionamento animal/tratador, tem muitas vantagens. Assim, vacas com cornos, mais facilmente se defendem e aos seus vitelos da agressão de predadores (cães vadios, lobos, etc.), e mais dificilmente se deixam dominar por desconhecidos.

Pelo contrário, em relação aos bovinos leiteiros não há razões suficientemente válidas para deixar com cornos as novilhas e as vacas de uma exploração. Há no entanto, na nossa opinião, variadíssimas razões para as descornar quando jovens. A principal vantagem da descorna, é

eliminar ou pelo menos diminuir, o risco de agressão a pessoas e outros animais da mesma exploração. Introduzir um animal com cornos num efectivo onde todas as vacas estejam descornadas, não é aconselhável.

Em vacarias de leite onde os animais estão presos à manjedoura em boxes individuais, sendo libertados apenas duas ou três vezes por dia quando vão à sala de ordenha, a existência de vacas com cornos poderá não ser problemática. No entanto em explorações com animais em regime de semi-estabulação os cornos, como armas de defesa e ataque que são, tornam as vacas mais agressivas, podendo provocar problemas tais como:

- ⇒ maior agressividade junto da manjedoura colectiva, alterando o ambiente calmo que deve rodear a distribuição dos alimentos;
- ⇒ feridas no corpo mais ou menos profundas provocadas pelas pontas aguçadas dos cornos;
- ⇒ interrupção brusca da gestação como consequência de uma cornada violenta no ventre de uma vaca gestante;
- ⇒ lesões no úbere que poderão originar mamites;

- ⇒ maior dificuldade dos tratadores em circularem no meio dos animais para realizarem as operações diárias de manejo individual ou colectivo;
- ⇒ afectar os resultados económicos de uma vacaria orientada para a produção de leite.

2. Descorna

A descorna, é uma operação de manejo realizada individualmente, e pode ser praticada em bovinos jovens ou adultos.

2.1. Descorna de animais jovens

O principal modo de acção da descorna em animais jovens, consiste na destruição das células queratogénicas pelo calor ou produtos químicos, impedindo a formação de tecido córneo.

Segundo o método utilizado, pode ser realizada entre os 2 dias e os 2.5 meses de vida do vitelo.

2.1.1. Utilização de produtos cáusticos

Os produtos mais utilizados são à base de tricloreto de antimónio, hidróxido de sódio ou hidróxido de potássio, podendo ser apresentados na forma líquida ou pastosa. Devem ser aplicados durante a primeira semana de vida do vitelo, para que sejam eficientes (Roy, 1972 e Berthelot et al., 1988). Em vitelos mais velhos, corremos maiores riscos de insucesso, já que podemos deixar algumas células queratogénicas vivas que, ao desenvolverem-se, vão provocar o crescimento de cornos disformes.

Para executar a operação devemos:

- ⇒ fazer a contenção do vitelo de modo a permitir que a colocação do produto seja feita no local exacto;
- ⇒ com uma tesoura, cortar os pelos à volta do botão de cada corno para que estes fiquem evidentes. Alguns especialistas recomendam nivelar o corno com a superfície da cabeça, utilizando para o efeito um instrumento cortante (Roy, 1972);
- ⇒ aplicar a quantidade necessária só em cima dos dois cornos, repetindo a aplicação 12 horas depois, se for necessário (Fig. 1);
- ⇒ ter cuidado para evitar que o produto cáustico esorra até aos olhos do vitelo.

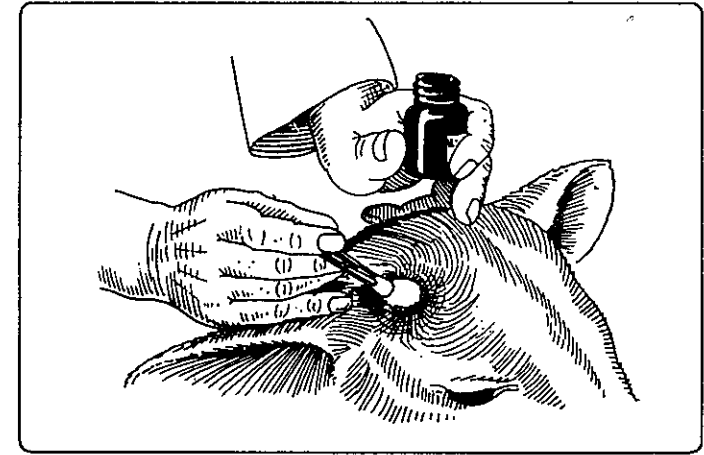


Fig. 1 - Aplicação de um produto cáustico no botão do corno .

Devido aos perigos que representam estes produtos, este método de descorna não é aconselhado para vitelos criados em grupo ou mantidos junto da vaca. Corremos o risco de provocar lesões na pele e mucosas de outros animais ou no úbere da mãe, como resultado do contacto do produto cáustico com estes tecidos. Além disto, se utilizarmos demasiada quantidade de cáustico, poderemos provocar queimaduras desnecessárias na cabeça do vitelo.

Também para o operador, o manuseamento destes produtos pode ser arriscado. Quando o produto utilizado é à base de soda ou potassa cáustica, em caso de contacto deste com a pele aconselhamos a lavagem imediata com água fria e, como antídoto, pode aplicar-se sumo de limão ou vinagre na zona afectada.

2.1.2. Utilização do termocautério

A utilização de um termocautério vulgarmente conhecido por descornador eléctrico ou de chama, deve ser feita entre as 3 e as 10 semanas de idade, logo que o botão do corno seja perceptível, mas não muito saliente. Uma intervenção sobre um corno demasiado desenvolvido, corre o risco de não ser bem sucedida, permitindo o crescimento de cornos disformes.

Esta técnica é normalmente realizada com um descornador, munido de peças terminais circulares com vários diâmetros (10 a 25 mm), seleccionáveis em função da idade do vitelo (Fig. 2).

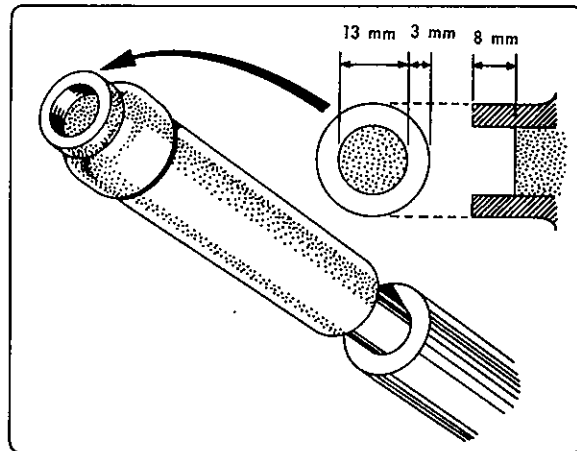


Fig. 2 - Descornador eléctrico, com o pormenor da peça terminal circular adaptável em função do tamanho do corno

Segundo alguns autores (Schmidt e Van Vleck, 1975; Bath et al., 1978 e Stansfield, 1983), o descornador eléctrico é o sistema mais utilizado

e mais eficaz para a descorna de bovinos jovens.

A nossa opinião coincide inteiramente com a daqueles autores. Consideramos que é incomparavelmente mais fácil descornar vitelos até aos 2.5 meses de idade, do que esperarmos que os animais cresçam para, utilizando então os processos de descorna indicados para animais adultos, fazer a operação depois dos 18 a 20 meses de vida.

Para que esta operação não seja tão dolorosa para o animal, é conveniente injectar um anestésico local na fossa temporal (Fig. 3), sobre o trajecto do nervo temporal (Stansfield, 1983 e Berthelot et al., 1988). A posologia do fármaco utilizado (Lidocaína por exemplo) deve ser respeitada, utilizando apenas a quantidade indicada. Podemos intervir 5 minutos depois da injeção, e o efeito da anestesia dura cerca de 2 horas.

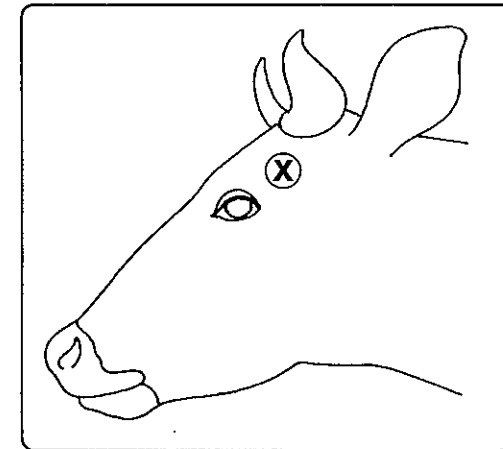


Fig. 3 - Zona onde se deve aplicar o anestésico local (fossa temporal)

Roy (1972), refere que no Reino Unido a "Protection of Animals (Anaesthetics) Acts" de 1964, estabeleceu que a descorna de animais com mais de 1 semana de vida só pode ser feita após a aplicação de um anestésico.



Fig. 4 - Contenção de pé para descornar com termocautério

Para executar esta técnica de descorna devemos:

- ⇒ pôr a aquecer o descornador. A temperatura está correcta logo que, ao aplicarmos a ponta sobre uma tábua, fique desenhado um círculo negro;
- ⇒ fazer a contenção eficiente do vitelo de pé ou deitado;
- ⇒ injectar um anestésico local na fossa temporal e esperar 5 a 10 minutos;
- ⇒ cortar os pelos à volta dos cornos;
- ⇒ na contenção de pé, se a altura do animal o permitir, o operador deve colocar-

-se por cima das espáduas do vitelo prendendo, com a mão livre, a orelha do mesmo lado do corno que vai ser eliminado (Fig. 4);

- ⇒ aplicar o termocautério sobre o primeiro corno, efectuando 10 a 12 vezes movimentos rotativos em semi-círculo. Depois, forçando com a extremidade do descornador, destacamos o botão do corno. A operação está correctamente efectuada logo que a cartilagem fique saliente aparecendo uma cavidade circular sobre a pele (Fig. 5). Repete-se a operação para o segundo corno. Se correctamente executada, esta técnica demora cerca de 3 a 4 minutos por vitelo, não havendo perda de sangue;



Fig. 5 - Descorna com termocautério, correctamente executada (cartilagem saliente aparecendo uma cavidade circular sobre a pele).

⇒ aplicar nas duas cavidades um insecticida/cicatrizante. Esta atitude é mais importante na Primavera/Verão para impedirmos o desenvolvimento de larvas de moscas nas duas feridas. A existência destas larvas vai aumentar o risco de infecção, atrasando o processo de cicatrização.

2.2. Descorna de animais adultos

A descorna de bovinos adultos, com idade superior a 18 - 20 meses, pode ser realizada segundo diferentes métodos. Não é conveniente intervir em animais mais jovens porque, como os cornos ainda estão em crescimento, corremos o risco de tornar ineficaz a descorna anterior.

Independentemente do método utilizado, é vantajosa a utilização de um anestésico local, injectável na fossa temporal. A anestesia irá diminuir a sensibilidade do animal à operação dolorosa que se vai executar, tornando-o mais calmo e tolerante.

Normalmente este tipo de descorna provoca uma hemorragia que poderá ser mais ou menos intensa. No sentido de resolver o problema, poderemos cauterizar os vasos sanguíneos seccio-

nados, utilizando um ferro com base plana bem quente. Se a hemorragia persistir deveremos administrar um antihemorrágico à base de vitamina k.

Berthelot et al. (1988), aconselham a colocação de um garrote à volta da base dos cornos durante 12 a 24 horas antes da descorna. O garrote, que pode ser feito com fio de nylon ou borracha de câmara de ar, tem por finalidade reduzir a intensidade da hemorragia após a descorna.

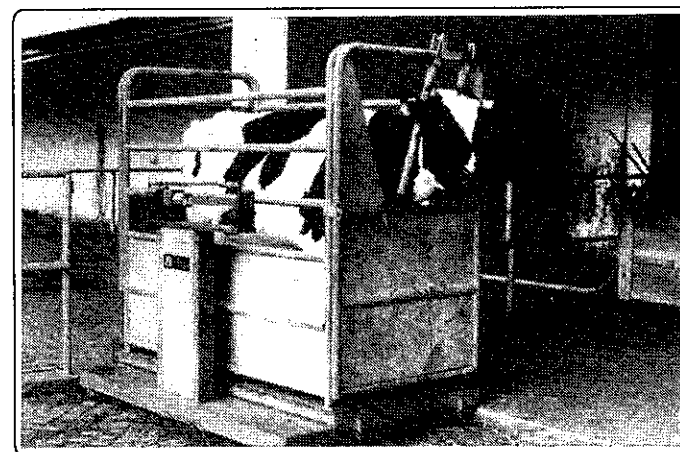


Fig. 6 - Balança com prisão de cabeça. Este sistema de contenção de bovinos, é utilizado na ESACB para prender os animais adultos durante a descorna

Para a execução da operação devemos:

⇒ fazer a contenção eficiente do bovino. A existência de um aparelho de contenção com prisão de cabeça, afigura-se-nos indispensável (Fig. 6);

- ⇒ injectar um anestésico local na fossa temporal e esperar 5 a 10 minutos;
- ⇒ para permitir um bom ângulo de corte, fixar solidamente a cabeça do animal;

Após executarmos as acções referidas anteriormente, iniciamos a descorna.

2.2.1. Cabo descornador

O cabo descornador é um fio de aço com duas pegas, uma em cada extremidade (Fig. 7).



Fig. 7 - Utilização de um cabo descornador

Antes de iniciarmos o corte por tracções alternadas sobre cada extremidade do cabo,

devemos cortar os pelos da base do corno e, para facilitar a penetração do cabo, fazemos um pequeno entalhe em V com um objecto cortante.

Se durante o corte mantivermos constante o movimento do cabo, à medida que vamos seccionando o corno vamos conseguindo a cauterização dos vasos sanguíneos atingidos.

2.2.2. Serra eléctrica

Este equipamento não é mais do que uma serra circular com guia apropriada para encaminhar o corno durante o corte (Fig. 8 e 9). Também pode ser utilizada uma serra manual, de carpinteiro.

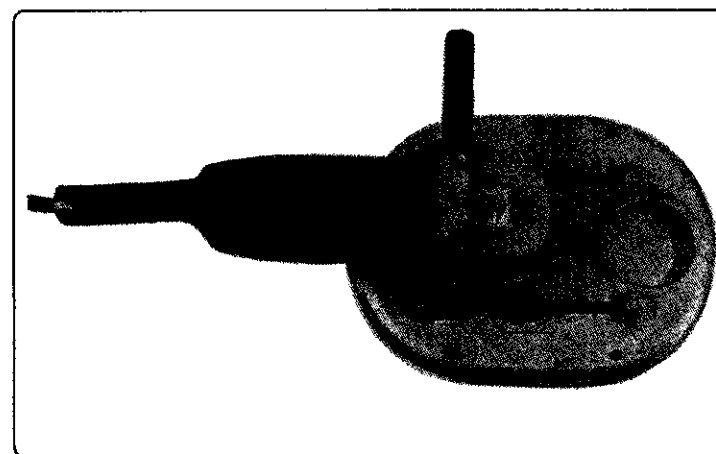


Fig. 8 - Modelo de serra eléctrica para descorna de bovinos adultos

Tal como a técnica anterior esta, permite a

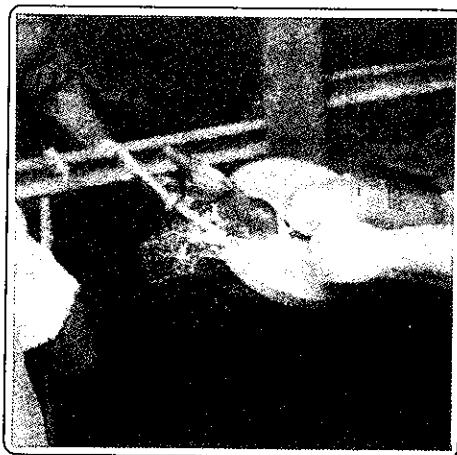


Fig. 9 - Utilização da serra durante a descorna de um bovino (Berthelot *et al*, 1988)

cauterização dos vasos sanguíneos à medida que vão sendo seccionados.

2.2.3. Descornadora

Outro equipamento utilizado para a descorna de bovinos adultos, é a descornadora hidráulica (Fig. 10), ou manual (Fig. 11).

No primeiro caso, o aparelho de corte é constituído por duas facas que, sob a pressão de uma bomba hidráulica cortam o corno, reduzindo o esforço muscular necessário para a execução da operação.

No segundo caso, as facas da descornadora são accionadas manualmente através do movi-



Fig. 10 - Utilização de uma descornadora hidráulica (Berthelot *et al*, 1988)

mento de aproximação das duas pegas.

Esta técnica de descorna provoca hemorragia intensa porque, os vasos sanguíneos ao serem seccionados, não são cauterizados.

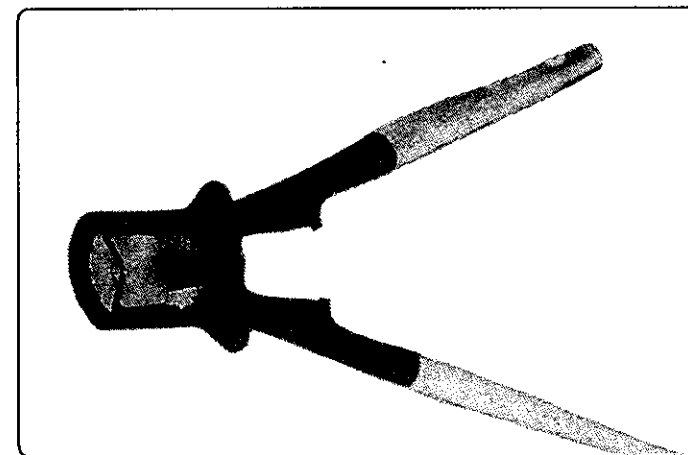


Fig. 11 - Modelo de descornadora manual

3. Conclusão

Nos bovinos de carne e/ou trabalho criados no nosso País, não encontramos vantagens suficientemente válidas para incentivar a descorna dos animais.

Pelo contrário, não restam dúvidas de que esta operação de manejo individual, é indispensável em vacarias com bovinos de leite criados em regime de semi-estabulação. Com a descorna, tornamos os animais menos agressivos e, conseqüentemente, mais sociáveis com os tratadores e com os outros animais da mesma exploração.

A idade mais aconselhada para a descorna de bovinos varia entre os 2 dias e os 2.5 meses.

Durante este período poderemos optar pela utilização de produtos cáusticos, até aos 8 dias

de vida ou, depois desta idade, pela utilização de um descornador eléctrico ou de chama.

A utilização do descornador eléctrico, apresenta para nós o maior interesse já que permite realizar um trabalho rápido, eficiente e de fácil recuperação para os animais.

Se por qualquer motivo as vitelas não forem descornadas na idade aconselhada, então teremos que esperar até aos 18 - 20 meses de idade para executar a operação. Nesta altura, deveremos utilizar um dos três métodos indicados para descornar animais adultos. Seja qual for o processo escolhido, é sempre mais incómodo e difícil para o operador, e mais penoso para o animal. A ferida aberta é muito maior, e a cicatrização é incomparavelmente mais morosa.

4. Bibliografia

- Bath, D.; Dickinson, F.; Tucker, H. A. e Appleman, R. (1978). Dairy cattle: principles, practices, problems, profits. 2ª Edition, Lea & Febiger, Philadelphia.
- Berthelot, D.; Drogoul, C.; Ourliac, S.; Montmeas, L.; Prodhomme, J. e Pucelle, L. (1988). Manipulation et interventions sur le betail. Les Editions Foucher, Paris.
- Roy, J. H. B. (1972). El ternero, manejo e alimentacion. Editorial Acribia, Zaragoza.
- Schmidt, G. H. e Van Vleck, L. D. (1975). Bases científicas de la produccion lechera. Editorial Acribia, Zaragoza.
- Stansfield, M. (1983). The new herdsman's book. Farming Press Limited, Suffolk.